

# CAPÍTULO 4

O POVOAMENTO NA SEGUNDA IDADE  
DO FERRO. OUTEIRO LESENHO COMO  
UM DOS POVOADOS CENTRAIS

CARLA MARIA BRAZ MARTINS\*  
GONÇALO CRUZ\*\*  
JOÃO FONTE\*\*\*

\* CITCEM/ICS-UM. Bolseira da FCT (BPD). Colaboradora externa da FEUP.

\*\* Sociedade Martins Sarmento. CITCEM/ICS-UM.

\*\*\* Laboratorio de Patrimonio (LaPa-CSIC) CITCEM/ICS-UM.

# 1. O POVOAMENTO NA SEGUNDA IDADE DO FERRO: CONTEXTUALIZAÇÃO

A Segunda Idade do Ferro, em particular a sua etapa final, caracteriza-se na parte Meridional do Noroeste Peninsular por um processo de reordenamento territorial substancializado na concentração demográfica em povoados de consideráveis dimensões, apresentando uma implementação geo-estratégica na paisagem e revelando algum dinamismo sócio-político. Este fenómeno foi referido por alguns autores como “oppidização” (González Ruibal 2006-07). Muitos dos *oppida* apresentam uma organização urbana denominada de «proto-urbanismo» (Silva 2007).

Tradicionalmente, considerou-se que os denominados *oppida* surgiram a partir da conquista romana do Noroeste da Península, pelo que o apogeu destes grandes povoados teria ocorrido a partir da época de Augusto. Alguns autores, como Sastre Prats (2004, p. 103-106), matizando um pouco tais ideias, consideram estes lugares centrais como resultado de um processo de integração das comunidades indígenas sob influência do imperialismo romano. No entanto, existem actualmente bastantes dados que atestam que estes lugares centrais se desenvolveram antes da efectiva conquista Romana do Noroeste, parecendo coincidir a sua datação com os *oppida* da Europa temperada, onde o seu desenvolvimento é normalmente associado ao período de La Tène C, a partir de meados do século II a.C. (González Ruibal 2006-07).

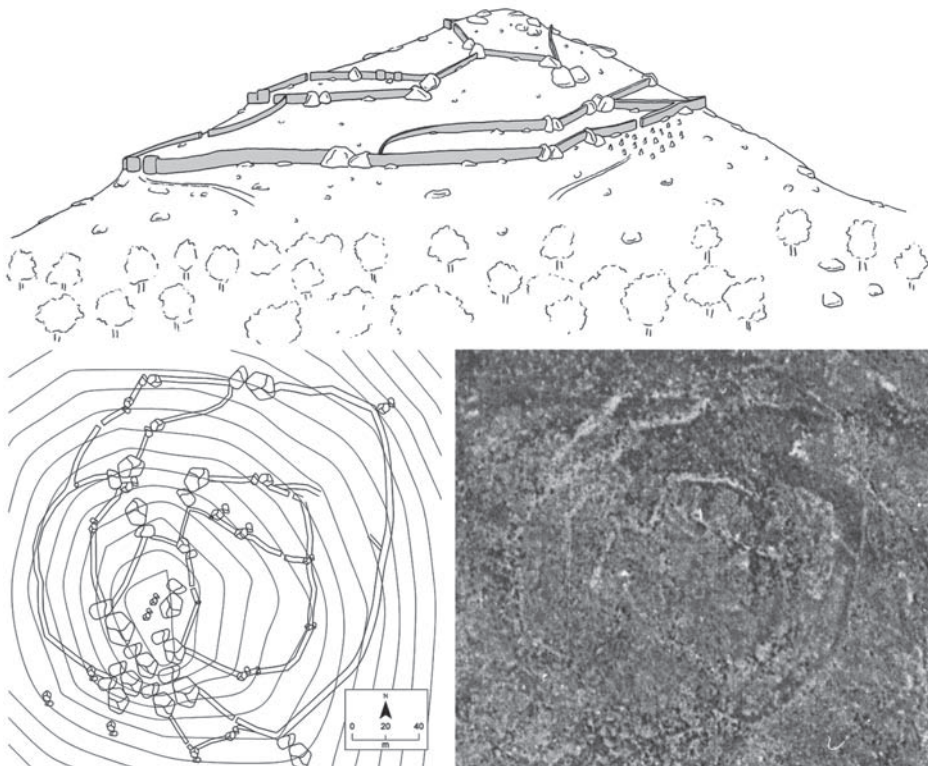
Assim, o Convento Bracarense apresenta uma multiplicidade de experiências históricas particulares a diferentes escalas, antes e depois da chegada dos Romanos. Sem dúvida que os *oppida* representaram uma nova tecnologia de poder, tal como a própria decoração arquitectónica entre outros elementos, que recorria a símbolos partilhados por toda a comunidade como forma de justificar e consolidar o poder das elites. Assistimos a partir de meados do séc. II a.C. à criação de um “grande estilo” (González Ruibal 2006-07), típico das chefaturas complexas e das sociedades mais hierárquicas. A multiplicação e visibilidade da cultura material é uma forma evidente de se marcar e acentuar as diferenças sociais, articulando uma ideologia mais centralizadora com a restrição do poder das elites mediante determinados mecanismos e elementos sociais, como poderão ser os edifícios públicos. Consequentemente, ter-se-á criado uma identidade social comum associada a uma complexidade social, acelerada e/ou precipitada com os contactos e pressões Romanas.

No entanto, dever-se-á salientar que todo este processo não poderá ser tratado segundo uma perspectiva unidireccional e mono-causal, nem se poderão negligenciar as complexas dinâmicas históricas das comunidades autóctones (Martins 1990), sobretudo tendo em conta que o Noroeste mantinha relações permanentes de intercâmbio com o mundo Mediterrânico pelo menos desde o século V a.C. É necessário entender os *oppida* no âmbito de todo um conjunto de fenómenos sociais, políticos e culturais que ocorreram no sul da *Callaecia* entre os séculos II a.C. e I d.C. (González Ruibal 2006-07).

Na realidade, a ocupação efectiva do Noroeste na época de Augusto não significou o fim dos *oppida* e dos castros, mas sim uma lenta transformação da paisagem em que as formas pré-romanas de ocupação do território foram dando progressivamente lugar ao aparecimento de outro tipo de assentamentos (Pérez Losada 2002), que emergem em torno da sede de cada *civitas*, articulando-se com a construção da rede viária romana e também a exploração intensiva dos recursos económicos.

## 2. OUTEIRO LESENHO

O castro de Outeiro Lesenho (Fig. 1) localiza-se no distrito de Vila Real, em parte na freguesia de S. Salvador de Viveiro (concelho de Boticas), em parte na freguesia de Canedo (concelho de Ribeira de Pena).



**Fig. 1:** Em cima: Reconstituição ideal do Lesenho (desenho de Anxo Rodríguez Paz, LaPa-CSIC); em baixo à esquerda: levantamento topográfico do Lesenho (Câmara Municipal de Boticas); em baixo à direita: recorte da fotografia aérea (8814) do voo USAF de 1958 do Lesenho (Instituto Geográfico do Exército).

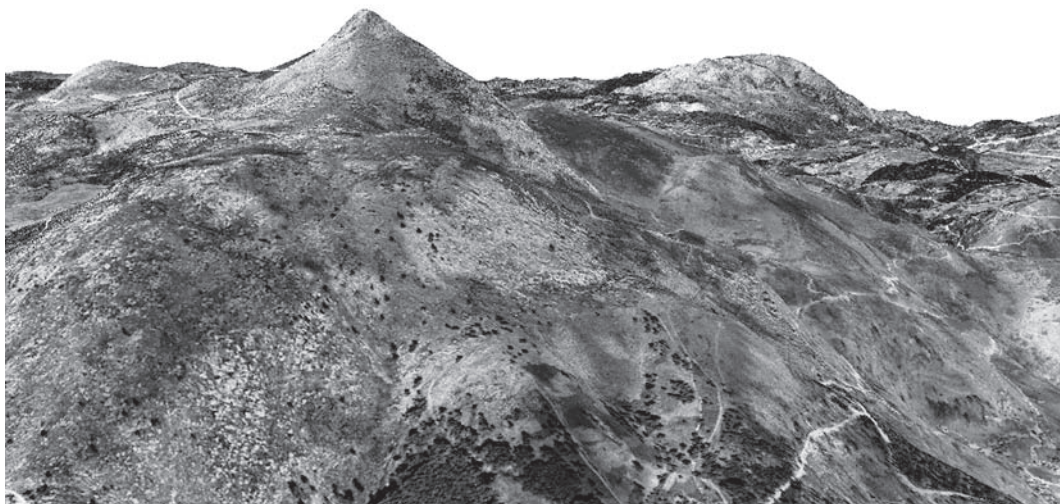
Ocupa um relevo abrupto que se levanta a Sudeste da localidade de Campos (Boticas), a partir da qual foi aberto o acesso, e a Noroeste da localidade de Penalonga (Ribeira de Pena) na bacia hidrográfica do Tâmega.

O monte, conhecido como *Outeiro Lesenho* ou *Lesenho Grande*, a Sul do planalto do Barroso, apresenta uma morfologia cónica, atingindo a altitude máxima de 1073 metros.

O castro de Lesenho é um povoado fortificado em altura, com uma implantação dominante no terreno, tendo uma componente geo-estratégica bastante acentuada. Apresenta três linhas de muralhas, que na encosta Norte, mais exposta, se complementam com outras duas, para além de muralhas radiais; as espessuras das muralhas variam entre os 1,70 e 2,90 metros. Em ambas as entradas do povoado verificam-se campos de pedras fincadas.

Num trabalho recente realizado sobre a análise locacional e territorial do Lesenho (Fonte 2009), constatámos que o referido povoado apresenta um amplo espectro visual, além de ser também um sítio com limitada acessibilidade, e visível desde a envolvente, constituindo uma referência a larga distância (Fig. 2). Estas características combinam-se com uma forte intervenção antrópica, sobretudo na profunda monumentalização das estruturas defensivas e da própria estatuária dos guerreiros.

As características do povoado sugerem de antemão, uma cronologia da Idade do Ferro, podendo ter tido uma ocupação anterior e posterior, ainda nos primeiros tempos do domínio Romano, a avaliar pelos materiais detectados em prospecções anteriores (Silva e



**Fig. 2:** Representação tridimensional da localização do Castro do Lesenho através da elevação do ortofoto a partir do modelo digital de elevações.

Centeno 2000). Encontram-se associadas a este povoado quatro estátuas de guerreiros, que poderão ser um indicador, segundo certos autores (Silva 2007), de um eventual lugar central visando uma integração sociopolítica.

De facto, a importância deste castro como um lugar central levanta a hipótese de ter sido sede de um *populus*, eventualmente os *Equaesi*, até à concessão do *ius latii* por Vespasiano que implicou uma reforma político-administrativa, podendo posteriormente a sede ter-se deslocado para um outro local (Alarcão 2004, p. 448; Fonte 2006).

### 3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Os trabalhos arqueológicos decorreram em 2008, tendo-se realizado uma sondagem – Sondagem 1 (S1) que revelava uma estrutura semicircular detectada há alguns anos, aquando da abertura do caminho florestal que dá acesso ao topo do monte e interpretada à partida como uma construção habitacional castreja (Fig. 3). O objectivo consistiu em definir uma amostra da estratigrafia do povoado, que nunca foi registada, clarificar a funcionalidade da estrutura visível e também analisar o grau de conservação da mesma, bem como a cronologia da sua edificação, utilização e abandono.



Fig. 3: Plano inicial da Sondagem

A Sondagem 1, de 3 X 3 m, incidiu directamente sobre a estrutura semi-circular (U.E. 02) já mencionada, envolvendo a área interior e exterior da mesma. Na área exterior à estrutura, a potência estratigráfica foi notoriamente superior devido à função de suporte de terras do muro (U.E. 14).

A escavação visou a identificação de possíveis valas de fundação ou de reparação, assim como níveis de ocupação e respectivas funcionalidades. Na Tabela 1 poder-se-á ver a descrição e interpretação dos níveis detectados.

**Tabela 1:** Descrição dos níveis detectados na Sondagem 1.

U.E.	Tipo	Caracterização	Interpretação
00	Camada	Camada sedimentar, com terra castanha-escura, humosa, medianamente compacta, heterogénea, com 40% de pedregosidade de tamanho médio.	Camada inicial / superficial.
01	Camada	Camada sedimentar, compacta, de terra castanha escura com alguma pedregosidade.	Piso de circulação do estradão que foi aberto até ao topo da torre de vigia. Terra mais compacta devido à circulação.
02	Estrutura	Estrutura circular composta por pedras em granito dispostas de leito, em fiadas horizontais.	Estrutura posta a descoberto aquando de obras na abertura do estradão e vala para escoamento de águas. Sempre foi interpretada como uma estrutura habitacional.
03	Estrutura	Pedra disposta de leito que encosta à estrutura 02.	Alicerce e suporte da estrutura circular U.E.02, posta à vista aquando de obras na abertura do estradão e vala para escoamento de águas.
04	Camada	Camada desagregada e heterogénea, constituída por terra de cor castanha-amarelada e muita pedra.	Derrube exterior ao alinhamento da estrutura da U.E.05.
05	Estrutura	Alinhamento de pedras dispostas de leito, constituído por um paramento interior e outro exterior.	Continuação da estrutura da U.E. 02.
06	Camada	Camada compacta e heterogénea, constituída por terra de cor amarelada, com pedra graúda, e granito decomposto devido à humidade do solo.	Derrube interior da estrutura circular U.E.02=05.
07	Camada	Camada muito compacta de terra com finíssima camada enegrecida, sob a qual surge uma terra saibrenta amarelada, por debaixo da qual surge novamente uma fina camada enegrecida.	Piso compacto com espessura variável, dependendo da zona interior, da estrutura circular U.E.02=05. A fina coloração enegrecida do piso deve-se ao uso.
08	Camada	Camada humosa desagregada e heterogénea, composta por terra de cor acastanhada, com pedra graúda.	
09	Camada	Camada composta por terra castanha escura com muitas cinzas.	Possível local de combustão, para efeitos metalúrgicos.

**Tabela 1:** Descrição dos níveis detectados na Sondagem 1 (*continuação*)

U.E.	Tipo	Caracterização	Interpretação
10	Camada	Camada desagregada e heterogénea, constituída por terra de cor amarelada com alguma pedra miúda.	Nível de enchimento e regularização após feitos os alicerces e construção da estrutura U.E. 02=05. Poderá também ter correspondido a um primeiro piso ocupacional, tendo em conta que a estrutura de combustão se encontra localizada a este nível, e que a rocha mãe apresenta um buraco de poste. A ter existido um piso, este encontrava-se muito destruído.
-11	Interface Vertical	Interface vertical de um buraco de poste.	Buraco de poste com 4 cm de diâmetro.
-12	Interface Vertical	Interface vertical da possível estrutura de combustão, que cortou a camada 10.	Local de combustão para eventuais efeitos metalúrgicos.
13	Camada	Camada heterogénea, composta por terra de cor amarelada, com pedra de derrube.	Nível de derrube da estrutura de suporte U.E. 14. Possivelmente será a mesma U.E. que a 04.
14	Estrutura	Muro de construção tosca, composto de pedras de dimensões médias e grandes; mal aparelhado.	Muro de suporte e sustentação de terras para proteger estrutura U.E.02=05. Acompanha esta última estrutura circular, até ao momento, distando dela cerca de 50 cm (média).
15	Camada	Camada homogénea, composta por terra de cor castanha escura, elevada pedregosidade.	Possível enchimento resultante do derrube.
16	Camada	Camada muito compacta de terra de cor amarela esbranquiçada, com inclusões de argila e saibro.	
17	Camada	Camada muito compacta de terra de cor amarela esbranquiçada, com inclusões de argila e saibro.	
18	Camada	Camada muito compacta, heterogénea, de cor alaranjada, muito saibrosa, com inclusões de granito muito degradado.	Pré-saibro (?).
-19	Interface Vertical	Interface vertical cortando U.E. 16 e 17.	Possível vala de reparação da estrutura U.E. 02=05.
-20	Interface Vertical	Interface vertical, cortando U.E. 16 e 17.	Vala de fundação da estrutura U.E.02=05.
21	Estrutura	Pedras dispostas em leito correlacionadas com U.E.05.	Alicerce da estrutura U.E. 05= 02.
22	Camada	Camada compacta e heterogénea, saibrenta com granito decomposto.	Pré-saibro.
-23	Interface Vertical	Interface vertical. Corte na rocha mãe.	Corte realizado na rocha mãe para assentamento de alicerces e estrutura U.E.02=05.

Como se pode verificar, foram detectadas duas estruturas: um muro de suporte (U.E. 14) e uma estrutura circular (U.E. 02 = 05), que desde o início se encontrava parcialmente a descoberto sob derrubes de pedras (Fig. 4 e 4A).



Fig. 4: Plano final da Sondagem 1.

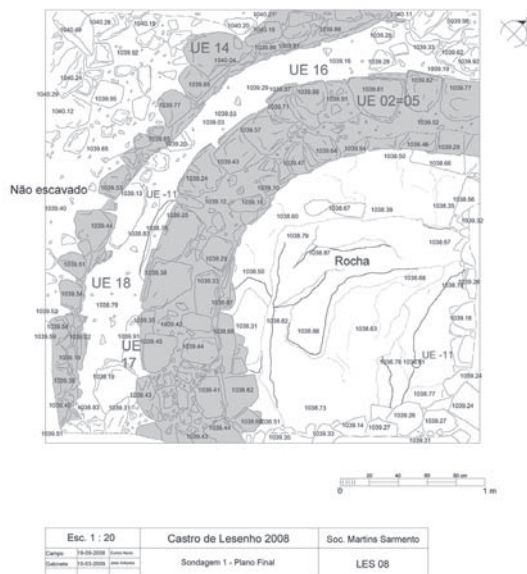


Fig. 4A: Planta final da Sondagem 1.

O muro de suporte e contenção de terras apresenta uma construção tosca, não cuidada, de pedras mal aparelhadas que se dispõem em fiadas mais ou menos horizontais. Não foi utilizada argamassa, assentando directamente num alicerce de pedras de dimensões médias; na área escavada até ao momento, acompanha a forma da estrutura circular. Esta compõe-se de um muro com dois tipos de paramentos, um interior e outro exterior, consolidados por argamassa e alicerçados internamente por uma fiada de pedras (U.E. 03 = 21), que também se destina ao nivelamento. No local, que se encontra melhor preservado, internamente existem onze fiadas horizontais de pedras dispostas de leito com as seguintes dimensões médias: 10 cm de altura, 30 cm de comprimento e 20 cm de profundidade; externamente, o muro apresenta um aparelho regular com pedras de tamanho graúdo, com as seguintes dimensões médias: 27 cm de altura, 30 cm de comprimento (existindo casos com 55 cm) e 32 cm de profundidade. A estrutura em causa teve uma camada de nivelamento e regularização em relação à rocha base (U.E. 10), que terá servido como piso, encontrando-se associada a uma estrutura de combustão (U.E. 09) (Fig. 5 e 5A). Posteriormente, terá sido colocado um segundo piso (U.E. 07) (Fig. 6 e 6A), este melhor conservado que o primeiro, sendo os dois contemporâneos.





**Fig. 5:** Plano do piso bastante degradado (U.E.10) e da estrutura de combustão (U.E.09).

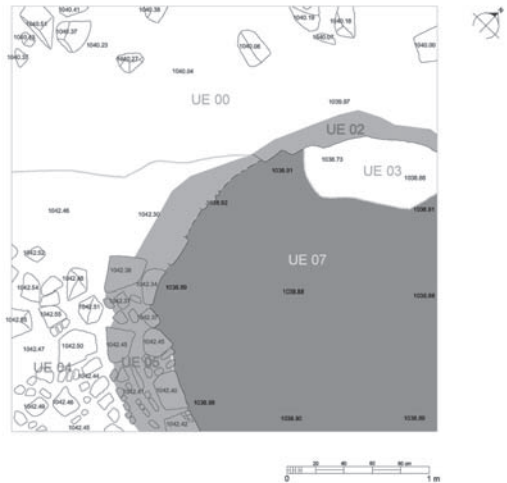


Esc. 1 : 20	Castro de Lesenho 2008	Soc. Martins Sarmento
Tempo: 26-09-2008	2008	
Realizado: 21-02-2009	Sondagem 1 - Plano 2	LES 08

**Fig. 5A:** Planta do piso (U.E.10) e da estrutura de combustão (U.E.09).



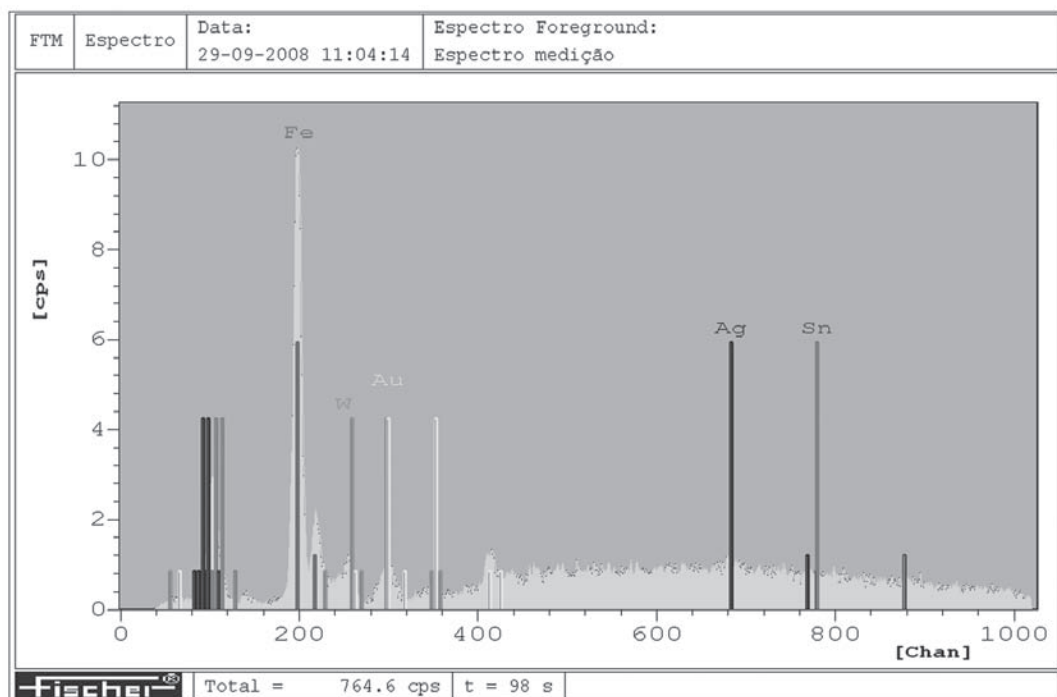
**Fig. 6:** Plano do piso (U.E.07).



Esc. 1 : 20	Castro de Lesenho 2008	Soc. Martins Sarmento
Tempo: 26-09-2008	2008	
Realizado: 21-02-2009	Sondagem 1 - Plano 1a	LES 08

**Fig. 6A:** Planta do piso (U.E.07).

Os materiais exumados, nomeadamente cerâmica e escória, articulados com a estrutura de combustão onde se detectou muita cinza e escória, levam a crer que estaremos perante uma oficina onde se desenvolveram actividades metalúrgicas. O estudo analítico das escórias recolhidas na estrutura de combustão (U.E. 09) e no piso U.E. 07 realizado através da espectroscopia de fluorescência de raios X (XRF), Spectro X-Test, com uma profundidade de campo de 3  $\mu\text{m}$ , revelou os seguintes elementos químicos: ferro, estanho, volfrâmio, ouro, prata, manganês e zircónio (Fig. 7). Os metais mais abundantes são o Sn e W, sendo o primeiro dominante e ocorrem em filões aplitopegmatíticos e quartzosos respectivamente. Esses filões tinham também como mineral acessório o zircão. Na Idade do Ferro o minério extraído teria sido seguramente a cassiterite para obtenção do estanho. A presença de ouro e prata será apenas vestigial, tendo em conta que se está perante uma associação mineralógica de W-Sn-Au.



Parâmetros Medida (espectro foreground):  
 Alta Voltagem = 50 kV (875) Filtro prim. = Ni  
 Colimador 2 = 0.30 Dm. Corrente Anodo 1000 uA  
 Distância Medição = -0.02 mm

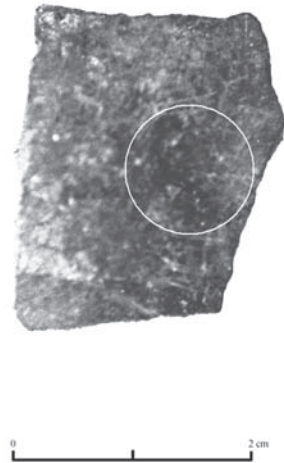
Lista de espectros:  
 Foreground: Espectro medição

Fig. 7: Resultados da análise a uma escória proveniente da S.1 U.E. 07 n.º reg. 1 (amostra Les3.1).

Os materiais cerâmicos exumados são poucos e de diminutas dimensões (Fig. 8). Inserem-se no contexto da Segunda Idade do Ferro, com cozeduras predominantemente redutoras, embora também existam fragmentos com cozedura oxidante; as colorações das pastas vão desde o cinzento-escuro, a tonalidades alaranjadas. Detectaram-se também fragmentos brunidos. As decorações que apareceram até ao momento são extremamente simples: pequenas caneluras e estrias; um dos fragmentos parece apresentar uma decoração em S pintada (Fig. 9).



**Fig. 8:** Materiais cerâmicos recolhidos.



**Fig. 9:** Fragmento cerâmico com aparente decoração em S pintada.

Na U.E. 13 apareceu uma peça peculiar em xisto (Fig. 10) que poderá ser uma espécie de grelha, tendo em conta os orifícios que apresenta. A unidade referida é de derrube da estrutura referente à U.E. 14 (muro de suporte). Assim sendo, poder-se-á colocar como hipótese a grelha pertencer ao nível de circulação entre as duas estruturas e poder ter uma funcionalidade de escoamento de águas.



**Fig. 10:** Grelha em xisto S.1 U.E. 13 (n.º reg. 1).

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica realizada no Outeiro Lesenho permitiu identificar e discriminar funcionalmente a estrutura circular que se encontrava parcialmente descoberta, assim como estudar os materiais exumados, além de ter fornecido uma primeira amostragem estratigráfica do castro de Lesenho.

Os níveis escavados, bem como os materiais exumados, enquadram-se cronologicamente na Segunda Idade do Ferro, parecendo corroborar a importância da mineração e da metalurgia em povoados fortificados de Trás-os-Montes Ocidental e que certamente iria muito para além do mero auto-consumo.

O aparelho construtivo das estruturas detectadas, a lógica de implantação em plataforma eventualmente ocupada por uma família extensa, e o aspecto global dos parques materiais cerâmicos recolhidos, indiciam uma cronologia ocupacional em torno dos finais do séc. II a.C. e primeira metade do séc. I a.C.

Neste momento, encontra-se ainda em curso a realização de análises paleoambientais dos restos orgânicos, adiantando-se, no entanto, que foram detectadas sementes de trigo, comprovando a complementaridade de recursos económicos, nomeadamente os agrícolas com os mineiros.

Assim, o florescimento económico operado a partir do séc. II a.C., principalmente na área correspondente aos actuais concelhos de Montalegre, Boticas e Chaves, prender-se-á em grande parte com a exploração mineira do ouro e estanho, obtidos principalmente em jazigos secundários através do garimpo do rio, facto que justificará a implantação de certos castros nos meandros de rios como, por exemplo, o Castro de Carvalhelhos, que se localiza nas proximidades do Lesenho, e o Castro da Mina, localizado no concelho de Montalegre (Mapa 4).

Os lugares centrais, como o de Outeiro Lesenho, Castro do Pedrário em Montalegre, e os castros de Santiago do Monte e Alto do Vamba, ambos em Chaves, poderão ter fomentado o incremento e o controlo da produção, principalmente a mineira, bem como a organização e desenvolvimento das redes de intercâmbio supra-regionais. Consequentemente, poderá ter existido uma hierarquização territorial e social que se consubstanciará num amplo território povoado por assentamentos de carácter secundário que se articularão em torno dos lugares centrais dos quais dependem (Sastre Prats 2004, p. 105). A falta de dados arqueológicos e consequentemente cronológicos, dificulta a afirmação concreta de uma contemporaneidade na maior parte dos povoados inventariados.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (2004) – Sobre *Caladunum* e a via de *Bracara Augusta* a *Aquae Flaviae*. In AULIARD, C. e BODIOU, L., *Au Jardin des Hespérides*. Rennes: PUR. p. 437-456.
- FONTE, J. M. M. (2006) – O “Padrão dos Povos” de *Aquae Flaviae*. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. n.º 14 (adenda electrónica).
- (2009) – *Lesenho e Aquae Flaviae: dois modelos de assentamento central e duas lógicas locacionais de época pré-Romana e Romana*. Santiago de Compostela: Departamento de Historia I, Faculdade de Xeografía e Historia, Universidade de Santiago de Compostela. Trabalho de Investigação Tutelado (TIT).
- FONTE, J.; CRUZ, G. (2008) – Images of power in the Lesenho hillfort (Northern Portugal). In *11<sup>th</sup> Iron Age Reseach Student Seminar*. Leicester: Leicester University. Poster.
- FONTE, J.; LEMOS, F. S.; CRUZ, G.; CARVALHO, C. (2008a) – Segunda Idade do Ferro em Trás-os-Montes Ocidental. *Férvedes*. Vilalba: Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba. vol. 5. 309-317.
- FONTE, J.; LEMOS, F. S.; CRUZ, G. e MARTINS, C. (2008b) – Mineração e Metalurgia pré-Romana em Trás-os-Montes Ocidental (Norte de Portugal). Comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. León: Universidad de León.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. (2006-07) – Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.). *Brigantium*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña. vol. 18-19.
- MARTINS, C.M.B.; CRUZ, G.; FONTE, J. (2008) – Sondagem arqueológica no Outeiro Lesenho (Boticas). In *Colóquio Internacional Guerreiros Castrejos. Deuses e Heróis nas Alturas do Barroso*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas. Poster.
- MARTINS, C. M. B.; CRUZ, G.; FONTE, J. (2008) – Intervenção Arqueológica no Castro de Lesenho (Boticas). In *Congresso Transfonteiriço de Arqueologia: um património sem fronteiras (Montalegre)*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre. Poster.
- MARTINS, M. (1990) – *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cavado*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia, Monografias 5).
- PEREIRA, F. A. (1915) – Novas figuras de guerreiros lusitanos. *Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. vol. 20. 1-16.
- PÉREZ LOSADA, F. (2002) – Entre a cidade e a aldea. Estudio arqueohistórico dos aglomerados secundários Romanos en Galicia. *Brigantium*. A Coruña: Museo Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón. vol. 13.
- SASTRE PRATS, I. (2004) – Los procesos de la complejidad social en el Noroeste Peninsular: arqueología y fuentes literarias. *Trabajos de Prehistoria*. vol. 61:2. 99-110.
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. C. F.; CENTENO, R. M. S. (Coord.) (2000) – *Catálogo do Museu Rural de Boticas*. Boticas: Câmara Municipal de Boticas / Edições ETNOS.
- VASCONCELOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1913. vol. III.

